

O TERMO “PRÁTICAS CORPORAIS” NA LITERATURA CIENTÍFICA BRASILEIRA E SUA REPERCUSSÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ari Lazzarotti Filho
Priscilla de Cesaro Antunes
Ana Paula Salles da Silva
Jaciera Oliveira Leite
Ana Márcia Silva

RESUMO

Objetivou-se identificar os significados/sentidos com os quais o termo práticas corporais vem sendo utilizado na literatura acadêmica brasileira, mediante análise de 260 artigos e 17 teses/dissertações, capturados com o uso de palavras chaves em sistemas de busca e bases de dados. Os resultados indicam que: sua utilização intensifica-se a partir do ano 2000; os pesquisadores que o utilizam, predominantemente, desenvolvem suas pesquisas na interface com as humanidades; na maioria dos documentos não há uma preocupação de definição conceitual; apresenta vários significados/sentidos. Os dados indicam ainda não ter atingido estabilidade como conceito, apesar de estar acumulando elementos para tal.

Palavras-chave: Práticas Corporais. Educação Física. Conceito.

ABSTRACT

The aim is to identify the meanings/senses by which the term “body practices” has been used in the academic brazilian literature, parting from the analysis of 260 articles and 17 thesis/dissertations, found by the use of key words through search systems and data base. The results indicate that: the use of the term enhances after the year 2000; the researches that utilize it, mostly develop their research in interface with human sciences; in most of the documents there is no concern about the concept definition; there are several meanings/senses. The data also indicate the term has not reached a stable concept, despite been gathering elements for that.

Key words: Body Practices. Physical Education. Concept.

RESUMEN

Se objetivó identificar los significados/sentidos con los cuales la expresión prácticas corporales viene siendo utilizada en la literatura académica brasileña, mediante analice de 260 artículos y 17 tesis/disertaciones que han sido capturadas con el uso de palabras claves en sistemas de busca y bases de datos. Los resultados indican que: su utilización es intensificada despues después del año 2000; los pesquisadores que lo utilizan, predominantemente, desarrollan sus investigaciones en interacción con las humanidades; en la mayoría de los documentos no hay un preocupación de definición conceptual; presenta varios significados/sentidos. Los datos indican aún no ter atingido estabilidad como concepto, aunque estea cumulando elementos para tal.

Palabra clave: Prácticas Corporales. Educación Física. Concepto.

Introdução/justificativa

A Educação Física, em sua configuração como campo acadêmico, pode ser considerada recente e se apresenta dispersa, com produção e divulgação “pulverizadas” em diferentes campos com as quais estabelece interface. Poucas são as aproximações, muitos são os conflitos, ampliando a necessidade de consensos mínimos em torno de conceitos-chaves na busca por maior estabilidade na produção de sua comunidade acadêmica. A estabilidade possibilitaria um avanço na direção de ampliar a comunicação entre pesquisadores e grupos de pesquisa com objetivos afins, intenção que começa a tornar-se mais presente em seu debate interno. Segundo Fensterseifer (2008), esta necessidade somente nos assola enquanto campo acadêmico-profissional, por termos nos colocado pretensões de maioria, o que parece indicar certa positividade neste processo interno de diálogo, revisão e autocrítica.

Uma análise inicial da produção acadêmica deste campo mostra uma grande diversidade de termos e conceitos operados com sentidos distintos e, por vezes, contraditórios. Tal situação pode ser compreendida ao considerarmos que sua constituição foi ditada pelas necessidades de intervenção profissional, sobretudo como disciplina curricular do sistema oficial de ensino, bem como nos diferentes interesses e usos institucionais aos quais a Educação Física vem estando vinculada.

Constituiu-se ao longo de sua história, no diálogo com a filosofia e as ciências humanas e sociais, assim como com as ciências exatas, a cultura popular e a arte, ainda que a maior ênfase no Brasil recaia nas ciências biológicas e exatas; uma trajetória constituída nas fronteiras do conhecimento (VAZ, 2003). Talvez, como desdobramento deste processo, seus conceitos ainda encontrem-se em fase de consolidação e precisam ser mais bem elaborados, inclusive para facilitar a comunicação de sua comunidade acadêmica e desta com a sociedade. Citamos aqui profícuas iniciativas que resultaram em publicações, como o Dicionário Crítico da Educação Física (GONZÁLEZ & FENSTENSEIFER, 2005), o Dicionário do Esporte (MELO, 2007) e o Dicionário do Lazer (GOMES, 2007), os quais, colaborativamente, convidaram seus pares para marcar seus conceitos, visando avanços futuros.

Uma parcela deste desafio que buscamos enfrentar parte da compreensão de que o termo práticas corporais vem sendo crescentemente utilizado, tanto no âmbito das pesquisas acadêmicas quanto de documentos oficiais¹, fazendo-se presente inclusive em revistas comerciais² de grande circulação nacional. Ao analisarmos o termo com maior cautela, identificamos seu uso com diferentes significados/sentidos³, os quais se remetem a distintos referentes ou signos.

Este estudo objetivou identificar quais os significados/sentidos com os quais o termo práticas corporais vem sendo utilizado pela literatura acadêmica brasileira. Para

¹ Referimos-nos a Política Nacional de Promoção da Saúde (2006) e aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física para o Ensino Fundamental (1997).

² Estamos nos referindo a Revista Nova Escola, Editora Abril, ano XXII, n. 213 junho/julho 2008, destinada aos educadores, com uma tiragem de mais de um milhão de exemplares (<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=34>).

³ Ao analisar os diferentes processos de operacionalização do termo práticas corporais, entendemos “significado/sentido” na perspectiva de Smolka (2000, pg. 29) como parte de “produção simultânea de signos e sentidos, relacionada à constituição de sujeitos, na dinâmica dessas (inter-)relações (...); diferentes valores, diferentes significados, diferentes sentidos, emergem na diversidade dessas elaborações”.

tal, partimos da hipótese de que o mesmo constitui-se a partir do contraste com o conceito de atividade física e ainda carece de elementos mais consistentes para sua conceituação.

A Especificidade do Campo da Educação Física

A especificidade da Educação Física tem sido amplamente discutida desde a década de 1990 (TANI, 1996; BETTI, 1996; LOVISOLO, 1998; BRACHT, 1999; FERREIRA NETO, 2005). Em função de sua constituição e trajetória, a todo o momento surgem novas questões e desdobramentos os quais, por sua vez, exigem novas soluções e encaminhamentos.

A Educação Física no Brasil foi constituída, essencialmente, como disciplina escolar, ainda que subordinada a outras instituições como a médica, a militar e a esportiva. Foi, porém, como componente curricular que a Educação Física ganhou legitimidade social para consolidar-se no campo acadêmico, ainda que em busca de autonomia (PAIVA, 2004). Para Bracht (2003) foi a partir da década de 1970 que o campo acadêmico da Educação Física começa a incorporar cada vez mais intensamente as práticas científicas, determinando a criação de entidades científicas próprias, a realização de eventos científicos, criação de cursos de pós-graduação e a definição de programas de apoio à pesquisa.

A pós-graduação em Educação Física no Brasil foi criada em 1977 em nível de Mestrado e em 1989 em nível de doutorado, programas possibilidades, fundamentalmente, pelo retorno dos professores que desenvolveram seus cursos de pós-graduação na América do Norte na Europa, acrescido daqueles que desenvolveram seus cursos no país, em outros campos do conhecimento como saúde e educação.

A sua constituição como campo acadêmico, o ingresso no sistema de pós-graduação nacional, a sua instalação na área 21 da CAPES⁴, vinculada ao ramo das ciências da vida e a grande área da saúde, trazem novos problemas nas formas de fazer ciência e na constituição de sua especificidade. A ampliação dos cursos de Pós-Graduação em Educação Física, segundo Kokubun (2006), cresceu num ritmo similar ao do sistema nacional de pós-graduação com uma taxa média de 5% ao ano, indicando que este campo encontra-se em expansão e em desenvolvimento.

Talvez, possamos afirmar que foi com a criação dos cursos de pós-graduação em Educação Física que sua comunidade é levada a pensar-se enquanto tal, dado que as exigências da política científica, juntamente com as novas demandas sociais e a capacidade interna do campo, tensionam os pesquisadores e o processo de produção do conhecimento, como em nenhum outro momento anterior desta trajetória histórica (SILVA, 2007).

Acredita-se que ao torna-se campo acadêmico a Educação Física necessita responder a inúmeras questões, como por exemplo, o seu enquadramento em um ramo da ciência optando por estar nas ciências da vida e na grande área da saúde. Essa opção traz consigo outros desdobramentos e, talvez, o mais significativo seja a forma de operar a produção do conhecimento na área da saúde. Esta área no país é uma das

⁴ A Educação Física no Sistema CAPES, compõe a área 21 com a Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Fisioterapia. A área 21 é composta de 36 cursos de pós-graduação, sendo desses, 21 da Educação Física e 90% deles se encontram no eixo Sul-Sudeste. Estamos dentro do ramo Ciências da Vida. Ao todo, são nove grandes áreas e a Educação Física encontra-se dentro da saúde e juntamente com mais 44 áreas de conhecimento, compõe a estrutura CAPES.

pioneiras no fazer ciência, com grande acúmulo e estabilidade conceitual, colocando a um campo novo como este em questão, um alto nível de exigência quantitativa e qualitativa, com um enquadramento severo de produção científica e de sua comunidade acadêmica.

No âmbito da comunidade acadêmica da Educação Física, o problema não é considerado como resolvido, tal como pretende a política científica oficial, pois há avaliações de que “estamos” nas ciências da saúde e não “somos” das ciências da saúde, ao menos, não “apenas” das ciências da saúde. Este encaminhamento oficial tem grandes conseqüências para o campo, pois no interior das ciências da saúde há uma larga hegemonia da lógica das ciências biológicas. Sua forma de produzir conhecimento acaba desconsiderando e, de certa forma, criando obstáculos a relação estreita que este campo estabelece com as ciências humanas e sociais, em especial, com a educação. Acerca desta questão, Mugnaini (2007), ao analisar a forma como vários campos operam na produção do conhecimento, reforça a perspectiva de que são diferentes as formas de produzir e validar estes conhecimentos nas diferentes áreas.

Na saúde, os conceitos já estão mais consolidados e a comunidade acadêmica consegue operar com representações comuns facilitando a organização, a produção e a recuperação do conhecimento através de tesouros e descritores como é o caso do DECS – Descritores em Ciências da Saúde. Mas quando o campo estabelece relação com as ciências humanas e sociais, esses descritores não possuem conceitos que representam os temas dessas pesquisas deixando, de certa forma, uma parcela significativa da comunidade de fora do campo por operar com outros conceitos e metodologias de produção de conhecimento.

Num campo acadêmico onde a linguagem é especializada, os conceitos são fundamentais para o avanço e para o desenvolvimento do próprio processo de conhecimento, facilitando o diálogo a partir de representações comuns e da recuperação deste para novas gerações.

Para operar nesta perspectiva, o conceito é fundamental; é a unidade de conhecimento que surge pela síntese dos predicados necessários e relacionados com determinado objeto e que, por meio de sinais lingüísticos, pode ser comunicado aos demais, o que exige que a linguagem especializada tenha maior precisão do que aquela do senso comum.

Na perspectiva de Dahlberg (2006), apud Campos (2003, pg. 11) o conceito é formado por três elementos: o referente (aquilo que se pretende conceituar), as características (soma dos enunciados verdadeiros sobre o referente) e a forma verbal – constituindo o triângulo conceitual. Deste modo, o conceito deixa de ser meramente um artefato mental e abstrato para instrumentalizar a linguagem e ser manipulado para a construção de vocabulários e tesouros.

Um termo, ao contrário da palavra, deve ser contextualizado no discurso, tendo, conseqüentemente, um referente de interpretação. Le Guern (1989) sugere que a palavra, unidade do léxico, constitui um predicado livre, e o termo, enquanto unidade do discurso, um predicado vinculado. De qualquer modo, uma definição não é única, mas varia conforme a fonte, razão pela qual fazer uma definição equivale a estabelecer uma ‘equação de sentido’, limitá-la de algum modo, para fixar os limites de um conceito ou idéia (DAHLBERG, 1978).

Essa equação não é simples, haja vista a diversidade das áreas de conhecimento. Para Krieger (2001), as novas áreas científicas e tecnológicas, como também as humanidades e ciências sociais aplicadas, têm sua terminologia distante das ciências de natureza taxionômica, confundindo-se muitas vezes com o léxico comum da língua, fato

que é confirmado pelo crescimento dos sentidos terminológicos nos verbetes dos dicionários de língua comum.

Aqui se encontra um dilema central da Educação Física enquanto campo acadêmico que estabelece relação tanto com as áreas mais “duras” (ciências biológicas) e com as áreas mais “moles” (ciências humanas). De um lado, exigindo uma conceituação mais rigorosa nos termos de tesouros e descritores e do outro ampliando seus sentidos e possibilidades de constituição de objetos de pesquisa.

Pimentel (2007) afirma que determinado campo, ao conceituar, funciona como uma cristalização do pensamento para garantir, mesmo que provisoriamente, uma estabilidade que facilite a comunicação.

Esse ‘congelamento’ pelo conceito está sujeito à ação humana e, por isso, passível de ser alterado com a constituição de novas perspectivas paradigmáticas. Mesmo considerando o limite da provisoriedade, tanto daquilo que significa quanto do significante, os campos de investigação, por conta de estabelecerem suas tradições e um arcabouço consensual mínimo, acumulam historicamente discussão sobre determinadas categorias e conceitos pertinentes ao diálogo eficaz entre seus pares. (PIMENTEL, 2007, pg. 108)

O termo “práticas corporais” é um exemplo no interior de um campo acadêmico ainda em fase de consolidação, portanto, ainda em constituição da sua tradição conceitual e que necessita alguns acordos.

Dos procedimentos metodológicos da pesquisa:

Para atingir os objetivos desta pesquisa, nos apropriamos de metodologias de tipo quanti-qualitativo, com especial atenção para a análise de conteúdo. Seguindo as etapas definidas por Bardin (1979), pré-análise, descrição analítica e interpretação referencial. A pesquisa se desenvolveu por meio da junção dos documentos a serem analisados; leitura preliminar; organização dos dados por aproximações e distanciamentos; descrição analítica das bases essenciais encontradas nos documentos e organização de um procedimento lógico-dialético; organização das categorias explicativas forjadas a partir dos documentos analisados em tensão com a base teórica conceitual.

Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a busca do termo “práticas corporais” com o filtro da língua portuguesa-Brasil na rede mundial de computadores. Justifica-se a escolha desta língua pelo fato da comunidade acadêmica brasileira produzir e publicar maciçamente em periódicos nacionais, ainda que seja um interessante exercício acadêmico fazer a busca com a tradução deste termo em outras línguas, notadamente a espanhola, na qual o uso deste termo é freqüente, especialmente entre países latino-americanos.

A recuperação dos documentos e sua análise ocorreram a partir da “regra da exaustividade” (BARDIN, 1979), onde todos os documentos acadêmicos que mencionam o termo práticas corporais em artigos científicos, teses e dissertações foram selecionados e agrupados em categorias. Esse processo constitui-se da seguinte forma:

a) Para periódicos: Primeiramente foi feita uma pesquisa ampla com o termo “práticas corporais” nos seguintes sistemas de buscas: i. Google acadêmico; ii. Scielo; iii. Lilacs; iv. Medline. Os artigos foram selecionados manualmente a

partir dos critérios: permitir acesso online ao texto na íntegra e ser publicado em periódicos científicos com conselho editorial⁵.

b) Para teses e dissertações: O termo “práticas corporais” foi inserido no sistema de busca do Banco de teses e dissertações (BTDT) Os documentos analisados foram os que permitiram acesso online ao texto na íntegra⁶.

A partir deste procedimento, chegou-se a um universo de 17 teses e dissertações e 260 artigos publicados em diversos periódicos. Para a sistematização dos dados foi elaborada uma planilha onde cada documento selecionado teve suas informações descritas em detalhes. Os itens desta planilha foram assim organizados: acesso; natureza do documento; título; autor; área; ano de publicação; número de ocorrências do termo; conceito; autor referência; tema/eixo aglutinador.

Apresentação dos dados

Periódicos Científicos

Dentre o material analisado, o termo “práticas corporais” aparece pela primeira vez em artigo de autoria de Fraga (1995)⁷, e passa a ser mais utilizado a partir de 1996. Ao verificar o ano de publicação dos textos recuperados, identificamos que 86% situam-se entre os anos 2000 a 2008 e 14% de 1990 a 1999, mostrando-nos, com as devidas ressalvas, que o termo vem sendo utilizado com maior frequência e ganhando maior relevância acadêmica com o passar dos anos.

Os artigos recuperados e analisados em número de 260 encontram-se 67% publicados em periódicos do campo da Educação Física; 7,7% na Educação; 4,6% na Antropologia; 4,2% na Saúde; 4,2% na Psicologia; 3,8% em periódicos de origem multidisciplinar; 3% na História; 1,9% nas Ciências da Comunicação, 1,5% nas Ciências Sociais; e 1,1% na Sociologia. Observa-se, portanto, que o campo da Educação Física é o que mais opera com o termo, ao menos quando se trata desta modalidade de divulgação científica. Identificamos, também, que os artigos analisados e os respectivos periódicos de onde provém quando utilizam o termo, o fazem estabelecendo uma relação mais próxima com as ciências humanas e sociais. Inclusive os artigos provenientes de revistas do campo da saúde, quando o utilizam, vinculam-se às ciências humanas e sociais em seus argumentos teóricos, em especial, no interior de sub-áreas como a saúde coletiva.

Dos 260 artigos analisados, verificamos que a grande maioria não explicita o entendimento de práticas corporais e somente 8% o fazem. Dentre aqueles artigos que apresentam explicitamente a conceituação, identificamos os seguintes elementos argumentativos:

1. São identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, característica, segundo os textos analisados, não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física;
2. Buscam superar a fragmentação identificada na constituição do ser humano e denotam uma crítica a forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo;

⁵ Procedimento realizado entre 08 de agosto de 2008 a 15 de outubro de 2008;

⁶ Procedimento realizado entre 20 de setembro a 15 de outubro de 2008.

⁷ FRAGA, A. B. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Revista Movimento**. Porto Alegre, ano II, nº. 3, 1995/2.

3. Apontam para uma ampliação conceitual deste termo com elementos das ciências humanas e sociais e tensionam com uma concepção de ciência pautada na objetividade e neutralidade;
4. Exemplificadas, principalmente, como esporte, ginástica, dança, luta, tai-chi, yoga, práticas de aventura, jogos;
5. Destacam-se as diferenças e contrastes entre as práticas corporais orientais e as ocidentais;
6. Externam uma preocupação com os significados/sentidos atribuídos as práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam, para além de sua utilidade mais pragmática;
7. Apresentam finalidades como promoção da saúde, educação para sensibilidade, para estética, para desenvolvimento do lazer e para o cuidado com o corpo.

Nos demais artigos (92%) não há uma conceituação explícita, mas os significados/sentidos atribuídos as práticas corporais podem ser agrupados nos seguintes temas/eixo:

Tabela 1 - Temas/Eixo para análise do termo práticas corporais.

Temas/Eixo	Qtde	%
Termo dado	188	72,6
Diferente de esporte	20	7,7
Alternativas	15	5,8
Adjetivos diversos	14	5,4
Cultura corporal	9	3,5
Cotidiano	6	2,3
Esporte	5	1,9
Atividade Física	2	0,8

No tema/eixo “termo dado” situam-se 72,6% dos textos analisados e utilizam o termo práticas corporais sem explicitar seu entendimento. Esta perspectiva constitui-se como majoritária neste tipo de material empírico e pode denotar a operação com o termo como se o mesmo se constituísse como um conceito estável, consensual e já consolidado.

No tema/eixo “diferente de esporte”, encontramos artigos com a expressão “práticas corporais e esportivas”, o que indica, por parte dos autores, a diferenciação de uma ou mais características entre práticas corporais e o esporte, porém, sem que isso fique claro no desenvolvimento do texto.

No tema/eixo “práticas corporais alternativas”, encontra-se um tipo de crítica à sociedade moderna, em especial, as ocidentais, principalmente no que tange a exacerbação da racionalidade. Apresenta como saída ou possibilidade as práticas corporais alternativas que são entendidas como as de origem e/ou fundamentação oriental, da tradição dos povos, ou de lógica divergente da formal. Essas práticas são exemplificadas como o taekwondo, antiginástica, a biodança, terapia reichiana, tai-chi-chuan, terapia corporal, ginástica médica, eutonia, além dos rituais, das meditações individuais ou coletivas, das terapias e massagens.

Em “adjetivos diversos”, os pesquisadores apresentam adjetivações para estas práticas corporais com intenção de complementar ou esclarecer o significado/sentido de seu uso. Como exemplos, encontramos: práticas corporais ativas e passivas, cidadinas, lúdicas, polissêmicas e polimorfas, recreativas, negativas, escolares e infantis.

Já em “cultura corporal”, os autores colocam práticas corporais como sinônimo de cultura corporal ou como expressão eleita para designar seus conteúdos, tais como ginástica, dança, lutas, esporte e jogos.

O tema/eixo “esporte” apresenta as modalidades esportivas enquanto práticas corporais, de forma isolada e sem uma vinculação com os conceitos de cultura ou cultura corporal indicados anteriormente.

Em “cotidiano”, as práticas corporais são entendidas por gestos mais simples e elementares como modos de vestir, comer, exercitar-se, maquiar-se, divertir-se, cozinhar, jogar, cultivar o solo, pescar, caçar, ou práticas de higiene, lembrando o conceito de técnicas corporais desenvolvido por Mauss (2003).

No tema/eixo “atividade física” os termos, práticas corporais e atividade física, são utilizados como sinônimo, apresentando uma incerteza ou uma indiferenciação quanto a seu uso. A incerteza pode ser percebida quando não se encontra referência na utilização de tal conceito e a indiferença quando colocam os dois termos como sinônimos, ao serem separados por barra. Alguns textos analisados apresentaram os dois termos citados, ou seja, em um mesmo texto ocorreram momentos em que foi utilizado o termo “práticas corporais” e, em outros, apareceu “atividade física” sem diferenciá-los.

Teses e dissertações

Foram recuperadas 26 teses e dissertações, sendo que destas 17 foram analisadas por estarem disponíveis na íntegra para acesso livre⁸. Nestas, o termo aparece pela primeira vez na tese de Costa (1999)⁹. Na década de 1990, o termo aparece em apenas uma tese/dissertação, sendo na década seguinte que o termo aparece com mais expressividade, em 16 teses e dissertações.

Tabela 2 - Incidência do termo Práticas Corporais nas teses e dissertações brasileiras através da busca no BDTD do IBICT

Campo de Origem das teses e dissertações	Qtidade
Educação	08
Educação Física	03
Ciências Sociais Aplicadas	02
Antropologia	02
Artes	01
Psicologia	01

As teses e dissertações que operam com o conceito de práticas corporais são todas vinculadas às ciências humanas e sociais e é no campo da Educação que aparece a maioria daquelas que utilizam o termo, num total de oito trabalhos. Em seguida, vem a Educação Física com três e, com menor representatividade, a Psicologia, Antropologia, Ciências Sociais e Artes, como pode ser observado na tabela 2.

⁸ Vale destacar que foram analisadas somente as teses em formato texto, dado que as teses recuperadas no formato imagem não foram analisadas em função da impossibilidade de aplicar a técnica utilizada nos demais textos.

⁹ Nos referimos a tese de doutorado em Educação Física intitulada “O corpo feminino no encontro com a antiginástica” de Elaine Melo de Brito Costa (1999).

Das 17 teses e dissertações, apenas três apresentam o conceito de práticas corporais explicitamente, enquanto 14 usam o “termo como dado”, na mesma direção expressa nos tema/eixo indicados na análise dos artigos.

Percebe-se que quando os autores conceituam o termo, o fazem em duas perspectivas: como termo mais específico, encaminhando-se na direção da cultura corporal, como manifestações do tipo esporte, atividade física, exercício físico, jogo e dança; como termo genérico que designaria gestos e atividades cotidianas, como é caso dos afazeres domésticos.

O termo práticas corporais, tal como foi encontrado nos periódicos, foi utilizado nas teses e dissertações com a intenção de problematizar o conceito atividade física e exercício físico. Argumentam que estes conceitos encontram-se reduzidos a compreensão do movimento pela física clássica, enfatizando aspectos como a locomoção no tempo e espaço e o gasto de energia. Enfatizam também, a preocupação em incorporar aspectos subjetivos, como os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos e pela cultura, ao movimento corporal humano.

Nas teses e dissertações analisadas, o autor mais referenciado é Marcel Mauss (2003) e os autores do campo da Educação Física referenciados para explicitar o conceito são: San'tanna (1995), Silva e Daminani (2005), Carvalho (2006).

Dentre o material que não explicita o conceito, identificamos alguns sentidos para seu uso, tais como: a mímica e outras formas de expressão corporal; expressões corporais adquiridas ao longo da vida ou as espetacularizadas; práticas corporais culturalmente criadas e expressas através dos gestos corporais; representações corporais; práticas corporais de academias; auto-cuidado; culto ao corpo; representações e símbolos expressos pelo sujeito; atividade sistemática de intervenção no corpo biológico; exercitação corporal; body art; cuidados com o corpo; e relaxamento. Percebe-se que diferente dos periódicos onde a predominância dos artigos que fazem uso do termo situa-se no campo Educação Física, as teses e dissertações estão vinculadas aos outros campos das humanidades, o que talvez, possa explicar melhor na diferenciação que se mostra nos sentidos e na amplitude na utilização do termo.

Análise e discussão

A partir do material empírico analisado - artigos, teses e dissertações - podemos afirmar que o termo práticas corporais vem sendo operado por vários campos do conhecimento, sendo que dentre estes a Educação Física é o que o utiliza com maior frequência. Nos campos da Educação, Antropologia, Sociologia, Psicologia, História e Saúde seu uso também é, relativamente, frequente, porém com diferentes significados/sentidos.

Na medida em que o termo é relacionado com a saúde, aparecem preocupações com os cuidados com o corpo. Nestes termos, as práticas corporais entram como complementares aos cuidados convencionais, trazendo elementos da cultura oriental como é o caso da meditação, do relaxamento e de práticas milenares. Em certa medida, esta também é a ênfase do campo da Psicologia, enfatizando um olhar terapêutico para com as práticas corporais, ainda que as compreendendo como engendradas por tensões e conflitos pessoais e em determinadas sociedades.

Na Educação, o termo práticas corporais parece ser relevante e é recorrente neste tipo de produção acadêmica. Nos documentos analisados, destacamos que parte dessa produção é oriunda dos pesquisadores da própria Educação Física que ali desenvolvem seus estudos ou publicam em periódicos daquele campo. Este aspecto mereceria uma

investigação mais detalhada, inclusive porque há, historicamente, uma relação estreita entre a Educação Física, seus conceitos e práticas, com aqueles provenientes da Educação.

A Antropologia parece operar com o termo compreendendo-o, predominantemente, como sinônimo de técnicas corporais, principalmente tendo por base o clássico estudo de Mauss (2003). Aparecem, porém, menções a técnicas extremamente diversas, desde aquelas mais elementares que são parte do cotidiano até aquelas mais complexas e elaboradas, como o body art e o esporte. Há menção, ainda, de técnicas corporais específicas de determinadas populações e grupos sociais, como é o caso dos indígenas, crianças em situação de rua, trabalhadores rurais, entre outras.

De maneira geral, nota-se que o termo “práticas corporais” vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo.

Estes movimentos ou atividades vão desde as mais “tradicionais” (“práticas adestradoras”; “precisas e sistematizadas de marcante caráter racional e higiênico”; “competitivas”; “práticas corporais mais remotas”), até as re-significadas, indicando ou não uma relação com a Educação Física (“práticas corporais diárias”; “cotidianas”; “humanas”; “na maternidade”; “de diferentes culturas e ocidentais e orientais”).

Os pesquisadores apresentaram, muitas vezes, algum adjetivo para especificar o objeto de estudo que está sendo tratado. Acompanhando o termo práticas corporais identificamos palavras como: escolares; lazer; indígenas; aventura na natureza; entretenimento; lúdicas; autoconhecimento e alternativas.

Quanto às contribuições dos pesquisadores que ajudam a conceituar práticas corporais, percebemos algumas indicações de uma outra perspectiva ontológica e seu desdobramento em uma compreensão de corpo que se opõe ao biologicismo. Ressaltamos, inclusive, que a expressão “não só biológica” é recorrente nos textos pesquisados, representando uma primeira etapa caracterizada pela negação, característica no processo de conceitualização. No entanto, aquilo que caracterizaria a afirmação do conteúdo do conceito, as tentativas de conceitualização, não são recorrentes no material analisado.

A preocupação com os significados/sentidos atribuídos as práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam foi freqüente no material analisado, demonstrando uma preocupação em considerar os conteúdos subjetivos postos em ação, para além do pragmatismo presente num raciocínio causal. Esta preocupação aparece aliada a outro forte componente, talvez o principal, que seja a consideração pelas práticas corporais como elemento da cultura, manifestações culturais que se explicitam principalmente na dimensão corporal.

Essa amplitude do entendimento de práticas corporais caminha na direção da tese defendida por Krieger (2001), de que campos, setores e áreas novas das humanidades possuem dificuldade em trabalhar com conceitos fechados por conta da própria natureza de seu objeto de reflexão. Pode ser decorrente desta condição, a ampliação de seu espectro de entendimento e utilização do conceito, correndo o risco, inclusive, deste confundir-se com seu uso no senso comum ou assumindo diferentes significados/sentidos.

Considerações Finais

Toda a representação conceitual é uma delimitação arbitrária que, em certa medida, indica sentidos ao mesmo tempo em que conforma práticas sociais, determinando como os sujeitos dele se apropriam. O esforço de reflexão se faz necessário para que uma dada comunidade que opera com termos e conceitos possa dialogar sobre formas de representação comuns.

Identificamos nos textos analisados que o termo práticas corporais já se constitui com potencialidade para ser estruturado como conceito, necessitando, porém, de maior estabilidade e um certo nível de consenso dentre a comunidade acadêmica. Ainda que provisório, um acordo entre os pesquisadores a partir do exercício conceitual, mesmo restrito a um determinado campo ou parcela significativa de uma comunidade acadêmica, se faz necessário para obter conceitos comuns que melhor abarquem um dado da realidade e que permitam sua ampliação posterior.

No campo da Educação Física, o termo práticas corporais vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais, pois os que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito de atividade física. Esta dualidade parece ser um grande entrave ou, talvez, apresente-se como uma potencialidade, pela interface que a Educação Física estabelece com as ciências humanas e sociais e com as ciências biológicas e exatas; interface, esta, que ao mesmo tempo dificulta as relações e os consensos mínimos, mas também exige criatividade, reflexão e auto-avaliação constantes em busca de saídas para a construção de sua própria especificidade, para além das demarcações disciplinares tradicionais e dos encaminhamentos da política científica oficial.

A maioria acadêmica aludida anteriormente, a qual a Educação Física tanto busca, exigirá permanente debate acerca dos conceitos com os quais opera e com os quais expressam os significantes que problematiza, sendo reconhecidos por seus pares para ajudar a pensar a Educação Física. Talvez, esta maioria possível não esteja vinculada à concepção de ciência tradicional e suas demarcações disciplinares e, sim, como campo acadêmico diferenciado que construirá saídas nos limites e interlocuções entre as ciências biológicas, exatas, humanas e sociais, ao enfrentar os problemas postos pela realidade e por suas necessidades de intervenção social.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979. 225p.
- BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.73-127, 1996.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cad. CEDES*. v.19, n.48 p. 69-88, 1999
- _____. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte*. 2.ed. Revisada. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997
- BRASIL. Portaria nº 687 MS/GM, de 30 de março de 2006. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

- CARVALHO Y. M. de. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. *Revista Brasileira de Saúde da Família (Brasília)*, 2006. v. VII, p. 33-45,
- CAMPOS, M.; de Souza, R.; Campos, M.. Organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realização da autoria. *Ciência da Informação*, 2003. Acesso em 26/09/2008. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/111/92>
- DAHLBERG, Ingetrat. Teoria do conceito. *Ciência da Informação* v.7, n.2, p. 101-07, 1978.
- FENSTERSEIFER, P. E. Desafios da Educação Física Escolar: entre o não mais e o ainda não. 2008. (impresso).
- FERREIRA NETO, A. (2005). Leituras dos 20 e 25 anos do CBCE: política, comunicação e (in) definição do campo científico. *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados.
- GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOVISOLO, H. Pós-Graduação e Educação física: paradoxos, tensões e diálogos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis*, v.20, n.1, p.11-21, 1998.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2005. 424p.
- MUGNAINI, Rogério, POBLACIÓN, Dinah A. M. A. Impacto de documentos citados em Revistas científicas brasileiras de diferentes áreas. In. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador, 2007
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 536 p.
- MELO, V. A. de. *Dicionário do Esporte no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Notas para pensar a Educação Física a partir do conceito de campo. *Revista Perspectiva*. Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 51-82, jul./dez. 2004 disponível em <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>.
- PIMENTAL, Giuliano Gomes de Assis. Sobre o campo lexical do lazer: resenha crítica do lazer. In. *Revista Conexões*, v. 5, n.1, 2007.
- KOKUBUN E. Pós-Graduação em Educação Física. In. *Revista Brasileira de Educação Física*. São Paulo, v.20, p.31-33, set. 2006. Suplemento n.5.
- KRIEGER, M. G. Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul. *Boletim da Abralin*, n. 24, fev. 2001.
- SANT'ANA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SILVA, A. M. . Uma Política Científica para a Educação Física ou De Alice e a Toca do Coelho. In: CARVALHO, Y. C.; LINHALES, M. A. (Org.). *Política Científica e Produção do Conhecimento*. Goiânia: Editora da UFG, 2007, v. 01, p. 159-171.
- SILVA, A. M. e DAMIANI, I. R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: ____ (orgs). *Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em Educação Física*, Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, p.17-28, 2005,.
- SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Caderno Cedes*. Campinas, ano XX, nº 50, p. 26-40 abr/2000.
- TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. *Motus Corporis*. Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.9-50, 1996.
- VAZ, A. F. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, vol. 24, n. 2, p. 161-172 jan/2000.